

ARTE CONTEMPORÂNEA NOS DIÁLOGOS DO GRUPO DE PESQUISA E INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E HISTÓRIA (IARTEH)

José Álbio Moreira de Sales/ Gardner de Andrade Arrais/ Tânia Maria de Sousa
França

Universidade Estadual do Ceará

Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, CEP: 60.714.903

(85) 3101-9600 / 9601 | geral@uece.br

Resumo: De que manifestações artísticas e padrões estéticos estamos falando, quando nos referimos à arte contemporânea? O que de fato se pode chamar de contemporâneo nas diferentes linguagens artísticas na atualidade?

Palavras-chave: Cultura, Interculturalidade, arte contemporânea.

Abstract: What art forms and aesthetic standards we are talking about when we refer to contemporary art? What indeed can be called contemporary in different artistic languages today?

Keywords: Culture, Intercultural, contemporary art.

Introdução

Desde a década de 1980, a Arte Contemporânea tem sido objeto de debates no meio acadêmico e no circuito de exposições, como museus, galerias e centros culturais, entretanto, ainda causa desconforto nos amantes das modalidades tradicionais das expressões estéticas e naqueles que ainda não transitam com regularidade pelo campo artístico. Geralmente, o desconforto está relacionado aos padrões estéticos adotados nas produções e na forma como são apresentadas ao público. No âmbito do trabalho de formação, nós, professores, temos o instigante desafio de desvelar os meandros do circuito da arte e suas relações com a sociedade e com os sujeitos que estamos a formar. Nesse aspecto, o desconforto suscitado funciona positivamente, no sentido de estimular questionamentos. O mais comum entre o público em formação é aquele que explicita a interrogação: isso é arte? Esta questão traz à tona uma gama de sentimentos e ativa o repertório das experiências individuais e coletivas, na direção de uma experiência estética singular ou na repulsa, que também é experiência. Marcada pela hibridização de técnicas e tecnologias e, principalmente, pela deslocalização e desrealização, a Arte Contemporânea se apresenta para nós, professores, como um desafio, porque, como forma de expressão de nosso tempo, ela precisa ser discutida e compreendida, no exercício da educação estética. Entretanto, quando é vista pela ótica de teorias da arte, ainda suscita polêmicas e discussões sobre o que se pode entender por arte e estética contemporânea. O que se tem como certo é que a produção artística contemporânea é parte de um sistema e que ainda guarda estreitas relações com a produção moderna, de tal modo que nela ainda se encontra colada, condição que, algumas vezes, faz-nos defini-la, por meio de características que representam a negação do padrão estético adotado no início do período moderno.

Com a intenção de desvelar elementos que pudessem nos aproximar de possibilidades de compreensão dos fenômenos artísticos contemporâneos e oferecer subsídios a ações de docentes de Arte é que o grupo de pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH¹, vinculado ao Programa de

¹ Formado por professores pesquisadores, alunos de pós-graduação na condição de doutorandos e mestrados e alunos de iniciação científica da graduação.

Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), promoveu, no segundo semestre de 2013, um ciclo de diálogos reflexivos sobre Arte Contemporânea, articulando as linguagens artísticas (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro). As discussões tiveram como ponto de partida a constatação de que ainda existe um certo distanciamento entre as práticas pedagógicas dos professores de Arte e as produções identificadas como contemporâneas. Tais constatações foram reforçadas pela ausência da temática entre os objetos de pesquisa da última turma de um curso de especialização², no qual autores desse texto orientam trabalhos monográficos. Vale salientar que, mesmo antes de nos depararmos com a realidade empírica citada, já havíamos lido textos que tratavam desta constatação. Um deles chamado “Arte Contemporânea no Espaço Escolar” faz a seguinte afirmação: “Inserir a arte contemporânea no espaço escolar é um grande desafio em nossa profissão, sejamos nós, arte/educadores, ou pedagogos, ou professores de outras áreas, como podemos ver em algumas escolas”. (TESCH; VERGARA, 2012, p. 1)

Na busca de uma compreensão dos motivos da escassez das produções contemporâneas nas práticas de professores da Educação Básica no Brasil, uma das primeiras indagações que nortearam a reflexão foi a seguinte: De que manifestações artísticas e padrões estéticos estamos falando, quando nos referimos à arte contemporânea? O que de fato se pode chamar de contemporâneo nas diferentes linguagens artísticas na atualidade?

A partir desta constatação, o problema passou a integrar o elenco de discussões do grupo de pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH, do qual fazem parte os autores. Depois de um primeiro debate sobre as constatações levantadas, foi sugerido o aprofundamento do que se entende por arte contemporânea, por meio de estudos, que envolvessem textos, vídeos e vivências. O objetivo da proposta foi reunir elementos teóricos e experienciais para que o grupo pudesse compreender as manifestações artísticas contemporâneas e que, nesse processo, aproximássemos-nos das dificuldades

² O Curso de Especialização/aperfeiçoamento em Metodologia do Ensino de Arte é ofertado pelo Centro de Educação da UECE e a turma a que se faz referência foi a sétima turma.

que levam a escassez de práticas com arte contemporânea nos espaços escolares.

Como metodologia para implementar a reflexão, usamos os diálogos reflexivos. Essas conversações eram momentos de discussão e experimentação pelo grupo, com arrimo na abordagem de Paulo Freire. Nessa perspectiva, o diálogo é visto como o caminho para a humanização ou libertação. Mas o que é, de fato, o diálogo? Segundo Freire (2005, p. 93), “[...] a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo”. Para o autor, neste lugar de encontro, que é o diálogo, “[...] não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”. O diálogo é o encontro amoroso entre os homens para *ser mais*, e a educação, como prática de liberdade, visa a acabar com a dicotomia homem-mundo, levando-o a reconhecer “[...] entre eles uma inquebrantável solidariedade” (FREIRE, 2005, p. 95). Então, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas, antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. (FREIRE, 2005, p. 96)

Este texto é uma síntese dos aspectos essenciais pontuados pelos diálogos reflexivos realizados no IARTEH sobre Arte Contemporânea, em que buscamos explicitar saberes construídos ao longo dos encontros. Para que se possa compreender a natureza dos saberes, iniciamos pela apresentação do grupo.

1 O Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História - IARTEH

1.1 Gênese e organização

O grupo IARTEH, vinculado ao Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), surgiu da necessidade de congregar pesquisadores que atuam no ensino de Arte, no âmbito da UECE, além de alunos e ex-alunos de mestrado e doutorado do PPGE e alunos de graduação que buscam aprofundar conhecimentos e realizar pesquisa em Arte e Ensino de Arte. As discussões sobre a criação do Grupo iniciaram-se em março, do ano de 2012, e, em maio do mesmo ano, foram definidos os pesquisadores que assumiriam o grupo na condição de líderes, as repercussões, as linhas de pesquisa com os respectivos objetivos, os demais

membros do grupo (estudantes e outros pesquisadores). Ainda, em 2012, foi cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil, na Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em março de 2014, foi criado o *site* do grupo (<https://sites.google.com/site/grupoiarteh/>), contendo informações básicas sobre ele, tais como a produção bibliográfica dos líderes do grupo e resultantes de projetos desenvolvidos pelos seus membros, as produções escritas de orientandos e ex-orientandos, além de informações sobre os projetos em andamento e finalizados, fotos e calendário de atividades.

O IARTEH completou dois anos de existência em 2014 e, por meio das atividades desenvolvidas, tem contribuído para qualificar as discussões sobre o ensino de arte, sua história e pesquisa em diferentes linguagens e contextos nos quais os fenômenos artísticos estão presentes, como os espaços escolares e os ateliês livres. Particularmente, tem afirmado o seu espaço nas discussões sobre a formação docente em arte, para a Educação Básica e Superior, especialmente no que se refere às licenciaturas. Além disso, tem buscado estabelecer intercâmbio com outros grupos que contemplem como objeto de estudos e investigação aspectos da didática e da prática de ensino de Arte, bem como a formação em arte e cultura do cidadão e do professor da Educação Básica.

O IARTEH está organizado em duas linhas de pesquisa que são: Artes Visuais, patrimônio e mediação cultural, arquitetura escolar e ensino de arte; e ensino de música e formação docente. Atualmente, conta com 11 pesquisadores, sendo 4 com formação em nível de doutorado, 6 com mestrado e 1 com especialização; e 16 estudantes, sendo 3 de doutorado, 2 de mestrado e 11 de graduação.

1.2 Organização das actividades

O IARTEH promove quinzenalmente a reunião de seus membros para estudar temas diversos relacionados com o campo do Ensino de Arte, interligados por uma temática central, que permeia os estudos de cada semestre.

No segundo semestre de 2013, ocorreram seis encontros, nos quais foram realizados os diálogos reflexivos sobre Arte Contemporânea, assim divididos: nos dois primeiros encontros, o instrumento condutor dos diálogos foi o texto

do livro de Anne Cauquelin, *Arte Contemporânea: uma introdução* e, momentos em que priorizamos a discussão sobre artes visuais; o terceiro encontro teve como tema de diálogo os estudos sobre dança contemporânea; no encontro seguinte, realizamos estudos sobre teatro e contemporaneidade; depois, no quinto encontro, música e contemporaneidade. O último encontro do semestre foi uma visita a um espaço cultural³, para vermos uma exposição de arte contemporânea, cuja mostra era predominantemente de artistas do Estado do Ceará e da região Nordeste, característica que poderia facilitar a leitura dos trabalhos pela proximidade cultural com o meio dos artistas. Como no mesmo local, encontrava-se uma exposição de Arte Brasileira⁴, neste caso, abrangendo obras de diferentes períodos do século XX, achamos conveniente também visitá-la, inclusive para que os aspectos estéticos de contemporâneos, modernos e acadêmicos fossem contrapostos e dialogassem.

2 Os Diálogos Reflexivos sobre Arte Contemporânea

Para iniciarmos os diálogos, tomamos como ponto de partida os elementos teóricos do livro *Arte Contemporânea: uma introdução*, de Anne Cauquelin⁵, buscando nos aproximarmos do tema e, ao mesmo tempo, munir-nos de elementos para entender a estética contemporânea em suas relações com as diferentes linguagens artísticas.

Cauquelin (2005) organiza seu pensamento estabelecendo paralelo entre a Arte Moderna e a Arte Contemporânea. Diz que a primeira está ligada ao sistema de consumo, e a segunda é regida pelo sistema de comunicação e traz a figura dos embreantes como ruptura entre os dois sistemas. Nos nossos diálogos, foi a figura dos embreantes que melhor nos ajudou a compreender a relação entre os dois momentos da produção. Na sua concepção, os embreantes eram figuras

³ Elegemos o *Espaço Cultural da Universidade de Fortaleza*, no qual se encontrava aberta a mostra *XVII UNIFOR Plástica*.

⁴ O título da exposição era *Arte Brasileira na Coleção Fundação Edson Queiroz*. Na mostra, havia obras de artistas do porte de Eliseu Visconti, Lasar Segall, Alfredo Volpi e Antonio Bandeira. Contemplava diferentes estilos e técnicas, possibilitando uma visão panorâmica da história da arte no Brasil.

⁵ É uma teórica da arte e artista plástica francesa, que mergulha em profundidade na discussão sobre a criação contemporânea. Doutora e professora emérita de filosofia da *Université de Picardie*, na França. De sua produção sobre arte e filosofia, destaca-se dentre outros títulos o livro *Teoria da Arte*.

que apresentavam práticas e pensamentos à frente do seu tempo, apontando como exemplo os artistas Marcel Duchamp⁶ e Andy Warhol⁷.



Marcel Duchamp, A fonte



Andy Warhol - Campbells

⁶ Artista francês (1887-1968), pintor, escultor e poeta. Um dos precursores da arte conceitual e o responsável pela ideia de *ready made* como objeto de arte. Sua obra mais famosa é *A fonte*. Neste trabalho, utiliza-se de material de uso comum produzido pela indústria da construção, dando a ele uma função para a qual não foi projetado, exigindo do espectador uma reflexão sobre arte e estética.

⁷ Artista norte-americano (1892-1972), com formação acadêmica em design. Trabalhou inicialmente com ilustração para revistas, anúncios publicitários e *displays* para vitrines de lojas. Nos anos 1960, passa a utilizar motivos e conceitos da publicidade em suas produções. Dentre os seus trabalhos mais conhecidos, estão as latas de sopas Campbell. Dentre as suas técnicas preferidas, estava a serigrafia e a colagem, com uso de materiais descartáveis.

Para que nossos diálogos pudessem tornar-se algo mais concreto e vivenciado, utilizamos os exemplos dos artistas citados, falando do contexto histórico em que viveram e produziram. Além disso, também mostramos fotografias de alguns de seus trabalhos, para que pudéssemos nos aproximar com maior riqueza possível do fenômeno artístico que queremos compreender.

Tomamos uma frase de (CAUQUELIN, 2005, p. 120), que diz “arte contemporânea: é um sistema de signos circulando dentro de redes”. Nesta frase, ela indica pelo menos duas categorias de elementos que passamos a tentar conceituar para entender a arte. A primeira delas era arte como sistema de signos, e a outra era arte como algo que faz parte dos elementos que circulam na rede mundial de computadores. Tais reflexões nos levaram a entender que não podemos julgar as produções de hoje com os elementos do sistema de ontem. Além disso, identifica-se, ainda, como característica desta produção a heterogeneidade, a pluralidade de temas e materiais, a experimentação e a mudança no papel do artista, que, agora, além da tarefa de executar o seu trabalho, também precisa colocá-lo no sistema de comunicação.

Discutimos também a arte contemporânea nas suas relações com o processo em aproximação com as tecnologias, passando pelo conceito de participação e depois de interação. Nesse contexto, dialogamos sobre os problemas ligados aos processos de produção que envolvem imaterialidade e comunicação; e esses diálogos redundaram nas discussões recorrentes sobre as possibilidades de se dizer o que é arte e qual o seu lugar na sociedade contemporânea.

Ainda com a intenção de aprofundar os diálogos, voltamos novamente às discussões para os aspectos teóricos, buscando nas concepções das teorias da Arte, que dão suporte ao trabalho do professor e servem aqui para pensar o sistema da Arte Contemporânea. Para esta discussão, buscamos novamente Cauquelin (2005) que procura estabelecer distinções entre os papéis (ações) diferentes que as teorias podem representar tanto para os artistas e suas obras quanto para o público, pois “[...] a arte invoca a teoria, seja por constituir o objeto [...], seja porque a teoria pertence à arte [...] na qualidade de componente necessário” (CAUQUELIN, 2005, p. 10).

As discussões teóricas, a partir do texto de Cauquelin (2005), contribuíram para os nossos diálogos especialmente no que se refere à consolidação de conceitos e à ampliação de entendimento sobre o campo da arte, bem como das construções teóricas em torno dela e da democratização de seu acesso. É viável registrar que o nosso conceito de democratização da Arte ficou fortalecido pela afirmação de que a opinião, o senso comum, a doxa⁸ também proporcionam *status* para a obra de arte.

Um lugar-comum da doxa [...] de uma verdadeira corrente de pensamento democrático vem a ideia de que a arte deve estar ao alcance de todos, do senso comum e do bom senso, que é um lugar comum (no sentido de espaço público), propriedade da comunidade e não de uma só pessoa, que ela faz parte da história, ou seja, de nossas memórias (mesmo que nada saibamos sobre ela, nem sequer que ela existe), e, portanto está ligada ao corpo físico e espiritual da nação, se bem que por certo - diz ainda a doxa - ela seja absolutamente universal (embora, sabe-se, a doxa não saiba nada do universal, nem poderia saber nada, confinada que está no particular) (CAUQUELIN, 2005, p. 169).

Sob esse aspecto, podemos dizer que a obra de arte como parte da história da humanidade é validada também pelo senso comum, pois carrega, em si, o geral e o particular da história.

Considerando essa complexidade, o diálogo reflexivo do grupo foi sendo conduzido e pontuando questões, especialmente aquelas que explicitam as características e as singularidades da arte contemporânea, que ficam mais explícitas quando colocadas na sua relação com arte moderna das quais destacaram-se seguintes:

- Desde o início da afirmação da estética moderna, a academia perde a hegemonia na definição da arte e, portanto, na legitimação do lugar do artista na sociedade.
- Agora é a rede (sistema de comunicação) que permite a suposta autonomia da arte e do artista, porém esta autonomia nos parece bastante limitada. Em nossos diálogos, ficam muitas questões em aberto que ainda carecem de discussões, como estas: O que acontece com a arte e o artista que está fora da mídia? Se, no início da modernidade, o reconhecimento da produção se dava por meio de

⁸ Palavra grega que significa crença comum ou opinião popular e de onde se originaram as palavras modernas: ortodoxo e heterodoxo.

críticos e do mercado de arte de centros como Paris e Nova Iorque, será que a rede não seria agora um novo centro?

- O acesso à tecnologia da informação e comunicação é um componente importante para a compreensão da arte contemporânea.

- Em tese, qualquer pessoa (artista) tem possibilidade de criar um espaço na rede para legitimar sua produção. Esse fato gera a seguinte pergunta, será que criar situações ou objetos para apreciação estética na rede é suficiente para ser reconhecido como artista?

- O produto gerado agora é o valor – meios de comunicação vão de alguma forma valorar.

- Antes, o nosso olhar era para o autor e a obra, hoje a preocupação não é o autor e sim o consumo.

- Nessa explicação do reconhecimento da arte a partir dos sistemas, percebe-se que a educação fica de fora.

2.1 Articulação entre as linguagens artísticas e a arte contemporânea

O movimento inicial para essa articulação foi pensado de tal modo que cada linguagem (artes visuais, dança, música e teatro)⁹ trouxesse as suas especificidades em relação à estética contemporânea.

Para nos aproximarmos de cada linguagem, antes dos diálogos e, em alguns casos, como parte dos diálogos, exercitamos a metodologia triangular do ensino de arte. A cada linguagem, dois ou três membros do grupo apresentavam conteúdos sobre a linguagem e, em seguida, traziam uma proposta de fruição/experimentação artística. Geralmente, as apresentações e discussões tinham início com o contexto histórico, até introduzir a linguagem na contemporaneidade, explicitando algumas de suas características básicas.

Começando pelas artes visuais, a contextualização histórica da passagem do moderno para o contemporâneo, tem como marco o final do século XIX, quando a hegemonia da academia começa a ser contestada, e os artistas passam a ter uma maior liberdade estética. Ainda na virada do século XIX para o XX, o advento da fotografia e o cinema serão grandes influenciadores da busca de novos padrões estéticos, entrando neste campo a inserção de novas tecnologias. Na segunda metade do século XX, o novo parâmetro passa a ser a

⁹ A escolha por essas quatro linguagens se deu porque são elas elencadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL,1997).

comunicação, a rede de relações que se constitui na formalidade ou por processos marginais, longe dos ditames do mercado.

Na atualidade, com a tecnologia incorporada ao nosso cotidiano, somos incitados a todo o momento a fazermos uso da comunicação, das ações em rede e ao uso das possibilidades de interatividade nos processos de produção e apreciação artística. Tais práticas modificaram os usos e as funções de instituições ligadas ao meio artístico, como galerias e museus. O melhor exemplo disto são os museus, que já foram atacados pelos modernistas futuristas e até imaginados por alguns como um lugar empoeirado onde se guarda objetos velhos, passaram a ser (re)significados com modificações no campo da Arte Contemporânea. Porque esta ultrapassa a licença poética e liberta a obra do espaço museológico, introduzindo o espectador na construção ininterrupta do trabalho do artista. Na produção contemporânea, o sítio torna-se tão importante quanto à técnica, e a teoria (o texto) situa o fruidor na história e na cultura.

Nesse contexto, os espaços expositivos de arte passam a sentir a necessidade de oferecer informações e outras formas de contato com a arte. Essa mentalidade exige que sejam repensadas as relações espaço-temporais, os prédios passam a ser transparentes, e as obras passam aos jardins dos museus. Outra modificação está ligada à linguagem da *Web*, que permite a criação de sistemas, que, disponibilizados por meio de monitores, oferecem ao visitante o acesso a mais informações, interações em três dimensões e vídeos sobre o processo.

Ao final desta fase de contextualização, os diálogos caminharam para a compreensão de que a incorporação das tecnologias digitais às produções artísticas contemporâneas e ao parâmetro comunicacional contribuíram para hibridização das linguagens, criando, de certa forma, uma impossibilidade de delimitação da abrangência de uma produção ou de uma rede, bem como, de suas repercussões. A rigor, não existe mais um campo delimitado para o cinema, outro para a fotografia, outro para a dança, ou para a música, mas a hibridização de linguagens e técnicas. Esse fato nos levou a reflexões e a indagações, como será que ainda é conveniente trabalharmos com a nomenclatura: artes visuais? Pois as produções dos artistas visuais contemporâneos não estimulam apenas a percepção visual, mas podem

promover a estimulação dos diferentes sentidos. Já estamos a trabalhar com nomenclaturas que procuram abranger as novas produções, dentre elas, temos: a videodança e a música eletrônica, que são representadas em gráficos digitais, estes são apenas dois exemplos das linguagens se interpenetrando para produzir uma experiência estética singular.

Mesmo falando da hibridização, para que os diálogos tivessem a relação com as orientações para ensino de arte que se encontra em vigor, retomamos à ideia das quatro linguagens, e passamos a tratar da dança contemporânea, que São José (2011, p.7) afirma ser uma forma de arte em constante construção e em organização contínua, não se enquadrando como uma técnica, mas sim como uma estética que abrange várias poéticas:

A dança contemporânea apresenta algumas características como um modo de pensamento que dança, combinações de diferentes estilos, movimentos, técnicas e estéticas, a multiplicidade de significados e inúmeras possibilidades de criação e expressão do corpo dançante.

Dos saberes sobre dança, partilhados nos diálogos, aprendemos que se dança com o corpo e com a mente e que ela envolve todos os sentidos, portanto, dentre de uma estética contemporânea, não é mais possível pensá-la como mera repetição de movimentos. Nessa perspectiva, a dança contemporânea, também pode ser vista como uma ruptura das amarras corporais que o cotidiano impõe, trabalhando com a interpenetração de poéticas e a imbricação de linguagens.

Um exemplo dessas possibilidades foi experimentado por todo o grupo por meio de uma vivência promovida antes da implementação dos diálogos, em que os componentes foram convidados a participar de um exercício, que envolvia a preparação do corpo e a experimentação de uma coreografia que trabalhou com diferentes modos de produzir e sentir dança. Além desta vivência, os componentes do grupo também foram estimulados apreciação de vídeos de dança contemporânea que se encontram disponibilizados no youtube¹⁰.

Aprendemos com (São José, 2011, p. 2) que:

A possibilidade de criar, inovar, romper com normas, regras e padrões hierárquicos, de se diferenciar e ser diferenciado vem ao longo da história da

¹⁰ (Ver PARABELO Grupo Corpo (2011-12) - http://www.youtube.com/watch?v=dCvV2_apY9M).

dança e das artes cênicas, estimulando corpos dançantes à composição de partituras cênico-coreográficas, revelando diferentes formas de linguagem expressiva do corpo, demonstrando seu modo de ver-sentir- pensar e estar em comunicação com a realidade e com o mundo.

Nos diálogos sobre os fundamentos estéticos da linguagem contemporânea no teatro, aprendemos que, no século XX, as experimentações das vanguardas artísticas foram os primeiros passos nesta direção. Dos experimentos, foram destacados principalmente os trabalhos do Expressionismo alemão, o Teatro Épico, o Teatro da Crueldade e o Teatro do absurdo. Outra importante contribuição destacada foi “Efeito de Distanciamento”, criada por Brecht¹¹, recurso que permite ao público distanciar-se dos personagens e da ação dramática, com o objetivo de levar o espectador a uma reflexão crítica, ao provocar o estranhamento, e tornando claro no meio do espetáculo os limites entre o que é realidade e o que é teatro. Tratou-se ainda do teatro do absurdo, que trata de conflitos nas relações interpessoais, dentre as quais o isolamento humano e o medo do caminhar inevitável para a morte. Debateu-se um pouco sobre a “eliminação da quarta parede”, a chamada parede invisível, que separa o público dos personagens e da valorização do em detrimento do autor. Aprendemos também sobre o “Teatro Pobre” de Jerzy Grotowski, que propôs uma extrema economia de recursos cênicos, praticamente reduzindo o teatro à relação entre o ator e o espectador.

O teatro contemporâneo, segundo Guerreiro (2010) é para ser vivido, experimentado, o espectador vai refletir e não apenas contemplar. O autor ainda indaga: de que “matéria” é feito o teatro nos dias de hoje? Percebemos pelas leituras a possibilidade do texto estar no corpo e o corpo estar no texto, ser o texto. O teatro seria feito, então de matéria híbrida.

O teatro contemporâneo produz-se com o afã de possibilitar as ligações potenciais com espectadores, cujas necessidades se formam a partir da combinação de variáveis complexas, entre o acesso a novas formas de comunicação e a modos de representação que procuram atualizar as práticas do passado. As problemáticas a debater (após as novas configurações espaciais e artísticas devedoras das transformações estéticas e promotoras de novos

¹¹ Eugen Berthold Friedrich Brecht (1898-1956) dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Seus trabalhos influenciaram o teatro contemporâneo.

relacionamentos entre actores e espectadores) levantam questões como: a) a perda de exclusividade dos espaços convencionais para a prática das artes do espectáculo e os efeitos dessa des(especialização); b) os efeitos da abolição da quarta parede; [...] d) as diferentes intensidades da experiência do espectador perante a multiplicidade das matérias teatrais; [...] g) o reequilíbrio entre a fruição racional e sensorial; [...] i) a eventual deslocalização do foco de poder para o lado dos espectadores e o resultado dessa transferência [...]. (GUERREIRO, 2010, p. 103)

Nesta etapa dos diálogos, iniciou-se uma discussão sobre a fronteira entre moderno e contemporâneo e das dificuldades do estabelecimento, desta fronteira no âmbito da linguagem cênica, que, no caso do Brasil, tem como marco a peça “Vestido de Noiva” de Nelson Rodrigues.

Finalizando os diálogos sobre teatro, identificamos como o traço mais característico deste, algo que parece comum à maioria das linguagens artísticas, que é uma espécie de ausência de unidade formal. No lugar desta unidade, temos uma pluralidade de experiências e de estilos, que se apresentam justapostos ou em separado.

Ao iniciarmos os diálogos sobre a música contemporânea, fomos novamente levados para o contexto histórico das vanguardas para entender as relações entre o moderno e o contemporâneo na cena musical. Aprendemos inicialmente que os elementos da estética musical contemporânea tiveram origem no chamado Ecletismo Musical, no qual se enquadra as produções da primeira metade do século XX, destacando-se dentre elas a música eletrônica e a música aleatória. A novidade veio da incorporação dos elementos de culturas não ocidentais. Outro dado importante para a música foi o avanço tecnológico, com o surgimento do fonógrafo, do rádio e do cinema, bem como a intensificação da difusão dos meios de comunicação. Na segunda metade do século XX, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, surgiu a música pop eletrônica, fazendo que o programador musical de discoteca, conhecido por “DJ”, passasse a ser visto como artista. Esse fato foi importante em nossos diálogos porque provocou o questionamento sobre o que de fato se pode chamar de música contemporânea. O que trouxe para a discussão a técnica da colagem e da citação, que também são utilizadas em criações das artes visuais.

Aprendemos que a representação que fazemos de música contemporânea é a de uma produção que implica numa escrita musical não convencional, que permite o uso de outros símbolos e oportuniza a criação. Outra representação está ligada a uma construção, que possui a ausência de unidade. Dessa forma, parece permitir espaço para muitas interpretações, não existindo o certo e o errado, o que existe são as possibilidades de um trabalho com todo o mundo sonoro descoberto pelo artista, ou pelo educando.

Zagonel (1999, p. 8), tratando da música no contexto escolar afirma que “[...] a música contemporânea parece ser mais interessante de ser feita do que de ser ouvida. Muitas vezes, os alunos não estão preparados para escutar essa música, mas estão prontos para fazê-la”. Esta ideia nos reporta a questão do estranhamento tão pertinente à arte contemporânea, porque podemos observar um deslocamento constante de valores e de mudança no papel do artista, no espaço da arte e do posicionamento do público, configurando-se, assim, como uma produção complexa e plural.

Considerações Finais

Como resultado, ficou evidenciado, pelos diálogos reflexivos, que a arte contemporânea nas várias linguagens artísticas aponta para uma ausência de unidade, com características estéticas que remetem a aportes de diferentes estilos e técnicas. As formas de apreensão e de recepção apontam para a necessidade de estimularmos novas percepções, que envolvem o fenômeno artístico em um contexto mais amplo que envolve os fenômenos sociais e culturais, que permeiam as várias linguagens numa perspectiva multicultural e híbrida. Percebemos, ainda, que, em todas as linguagens, a experimentação de novos materiais, técnicas e temas são recorrentes, evidenciando a necessidade e certa avidez do artista de hoje no sentido de dominar tecnologias e técnicas em busca de novos padrões estéticos de criação.

Nesse sentido, os diálogos possibilitaram a ampliação de podermos entender como contemporâneo, distanciando-nos da dicotomia feio e belo, harmônico e não harmônico. Parece que é algo que está em busca de novos limites e por isso requer reflexão, porque, em algumas produções, solicita do espectador a participação e, retirando-o da condição de mero contemplador do fenômeno.

Também ficou clara para os participantes do grupo a necessidade de apontes de estudos da filosofia e da sociologia da arte para uma aproximação com o fenômeno. Sob esse aspecto, o pensamento de Anne Cauquelin, expresso no livro, *Arte contemporânea*, norteou os nossos diálogos, clareando o percurso de aproximação com os aspectos conceituais da produção em estudo. Facilitou principalmente na consolidação de conceitos, ampliando as possibilidades de compreensão sobre o sistema ao qual está submetida. Tornou mais clara as relações do artista e da arte com a rede de computadores, tornando mais claro o entendimento que temos sobre o campo da arte e democratização de seu acesso.

A partir das reflexões que resultaram dos diálogos, passamos a compreender algumas das dificuldades que os professores das escolas da Educação Básica encontram para levar até aos seus alunos as produções contemporâneas. Dentre elas, a principal nos parece ser a falta de uma formação inicial que contemple de uma forma mais didática os processos de produção e o ensino de arte na contemporaneidade.

Precisamos ampliar os diálogos e as reflexões para que possamos formar o professor, que vai exercer a docência em arte para ser "embreante", no sentido de oportunizar na escola experiências estéticas mediadas pela produção contemporânea, independente da linguagem em que trabalhe. Para finalizar nossa reflexão, queremos dizer que a produção contemporânea oferece possibilidades de contemplar a diversidade de experiências necessárias a uma educação estética que possa promover uma formação humana capaz de promover a emancipação.

Vistos sob esta ótica, os diálogos reflexivos apresentaram-se mais como um estímulo a novas formas de pensar sobre a arte contemporânea, sua relação com as várias linguagens e o espaço a ser construído na escola para o seu uso.

Referências

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: Martins, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- SALES, José Álbio Moreira de; ARRAIS, Gardner de Andrade; FRANÇA, Tânia Maria de Sousa. (2015) – *Arte contemporânea nos diálogos do grupo de pesquisa e investigação em arte, ensino e história. Errâncias do imaginário* Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, pp. 237-253
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GUERREIRO, Nelson. Teatro com teatro: modos e práticas teatrais contemporâneas. In: *Cadernos PAR*. N.º 03 (Abr. 2010), p. 98-106. 2010.
- SÃO JOSÉ, Ana Maria. Dança Contemporânea: um conceito possível? In: *Anais do V Colóquio Internacional “Dança e contemporaneidade”*. São Cristovão, 2011.
- TESCH, Josiane Cardoso; VERGARA, Clóvis. Arte Contemporânea no espaço escolar. In: *Anais do IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa da Região Sul*, 2012.
- ZAGONEL, Bernadete. Em direção a um ensino contemporâneo de música. *Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia*. Salvador, dez. 1999. p. 1-23.